

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semèst. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	8120
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

19.º Anno — XIX Volume — N.º 633

25 DE JULHO DE 1896

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Cactano Alberto da Silva.



## CHRONICA OCCIDENTAL

Contou uma vez o Gervasio que vira um homem sentado n'um banco da Avenida, durante horas a meditar, atrapalhado, sem saber como metter conversa com uma dama que, logo á boquinha da noite, se sentára na outra extremidade do mesmo banco. Afinal teve uma idéa. Depois de quatro horas de incertezas, creou animo, tossiu e...

— Com que então... está-se passeando?

O caso e começar. Geralmente agora é pelo calor.

— Um tempo abraçador.

— Acha? Ainda assim parece-me que hoje esteve mais fresco.

— Talvez. O sol, o sol é que é quentissimo.

— Quasi sempre. Mas á sombra não achei que hoje estivesse assim...

E quantas vezes d'aqui se não passa, quando os assumptos escaceiam durante mezes longos de verão, d'uma verdadeira pobreza franciscana.

Cada qual tem sempre a ferver, lá no cantinho da cabeça adequado ás frituras dos miolos, um assumptosinho que o interessa egoistamente, negocio, paixão, ambição ou problema; mas só os de muito má gosto veem apouquentar a gente com negocios particulares. O assumpto de interesse geral falha muito em julho, agosto e setembro, a não ser que se dê um bocado á má lingua, coisa sempre do agrado da multidão dos leitores. Mas a má lingua é de má gosto, ainda mais que o negociosinho de cada um.

Isso sim, isso é que dá assumpto e com pouco trabalho. Para um homem se acreditar nada ha melhor, nem melhor caminho tem para chegar onde quizer. Até ha tolos que já o sabem, e d'ahi provem o formigueiro de criticos para tudo e da estupidez da critica em geral. Mais dia menos dia apanham razão dobrada.

Ha pontos conhecidos em Lisboa, onde a má lingua é certa e onde cada qual só diz bem de si. É um d'elles sabir e ouvir-se o que se fica dizendo. Em todo o caso, como é amigo, sempre se encontram umas attenuantes: «Coitado! Pois se elle é completamente idiota!» Uma consolação. Chamam elles áquillo *fazer justiça*.

Mas, seja como fôr, o certo é que, n'esta calmaria de novidades, só se conversa no calor, no assumpto egoista ou para dizer mal.

Era ter ouvidos de tísico e ir pela Avenida fóra escutando o que se diz nos grupos que passeiam lentamente, nos ranchos de senhoras sentadas nas cadeiras, em que fallam os que esperam á esquina o elevador ou param por instantes a cumprimentar uma familia.

Houve já quem dissesse que Deus déra fala ao homem para elle poder mentir; talvez antes lhe desse lingua para que dissesse mal de seus irmãos. Ainda, se fosse das irmãs, teria a defendel-o muitos philosophos com discursos e poetas com longos epigrammas.

Seria o caso agora para algumas linhas sobre a mulher e talvez viesse a pello uma dissertação calcada sobre a eterna poesia, tanta vez tão seccantemente reeditada: *E' um anjo, porque... E' um demonio, porque...* Mas, n'este tempo de calor, para sermos logicos com as theorias apresentadas, só o caso segundo nos poderia servir.



A RAINHA SANTA ISABEL — ESCULPTURA DO SR. TEIXEIRA LOPES

(Copia de uma photographia do sr. Silva)

Entretanto muitos ha que forçosamente pensam o contrario, e, quando ellas passam, formosões nas suas toilettes de primavera, ora na luz crua das lampadas electricas, ora nas sombras negras das acacias, os olhos que as seguem parecem maravilhados e vão n'aquelles olhares milhões de desejos, que, franca, francamente, diabos não devem inspirar.

O namoro continua a ser linda prenda de lisboetas e tem o seu lugar de acção na Avenida entre as oito e as onze.

É ali que se reúnem os moradores mais proximos que não podendo abandonar Lisboa fazem d'aquella extensa rua a sua vivenda, o seu jardim, a sua propriedade.

Estas ultimas noites foram de uma encantadora suavidade. Desde que a lua nova appareceu, como um arame d'oiro muito fino, recurvo, a brilhar intensamente, nunca, no céu azul escuro, purissimo, o luar d'este fim de mez deixou de merecer o elogio que o dictado nos canta para a lua de agosto.

A lua é o astro querido dos poetas, o confidente das dôres, das queixas murmuradas *per amica silentia*. O luar é calmante se o coração é oppresso, mas embriaga a fantasia dos que sonham. E ella sempre a mesma, sempre a mudar, espalha indifferentemente a sua poeira de prata sobre os campos, sobre as florestas, sobre as cidades, parecendo sobretudo amar os rios e o mar em que se espelha. Tem-a comparado ás mulheres formosas e os pagãos fizeram da lua uma deusa e adoravam-a. É a companheira da terra. Esconde-lhe metade da face, mas do céu, onde campeia, vê girar o mundo sobre o eixo e conhece o inteiro mundo.

Ahi a temos agora a brilhar em toda a sua plenitude sobre as aguas do Tejo; vermelha ao nascer, enorme, nos confins do Mar da Palha, incendiando o céu; amarella, triste, ao desaparecer de madrugada, no Oceano, por detraz das areias loiras do Bugio.

Que te fez a lua pallida  
Ao dar-te assim pelo rosto  
Co'o luar do mez d'agosto?

Vê se é linda ou não a lua,  
Deslisando de mansinho  
Pelo celeste caminho  
Em que entre os astros fluctua.  
Toda branca, toda nua!...  
Não ha, não, para meu gosto  
Como esta lua d'agosto.

Olha-a da tua janella.  
Vê se ha nada assim tão lindo,  
Se na terra ou céu infindo  
Formosura ha como aquella.  
Só tu, sim, é que és mais bella,  
Todo banhado o teu rosto  
No luar do mez d'agosto.

Mas nem todos terão visto a lua, que muitos não dão por isso, e na cidade ha beccos e vielas para que ella mal espreita, favorecendo com a sombra os Almaguinhos e os gatunos.

E entretanto ella é linda tambem na cidade, quebrando os raios nos angulos das ruas escusas, fazendo scintillar, como se fossem diamantinas, as claraboias das casas, enchendo de barras d'oiro as cumieiras dos telhados por onde os gatos nocturnos passeiam fantasticamente, doirando os zimbórios, enchendo de reflexos, como de cabellos brancos prateados, as velhas torres das igrejas.

E, porque não havia novidades na terra, fomos ás velharias do céu.

Foi, ha duas noites, pelo Aterro fóra, que desde que sahimos da Baixa, a lua se poz a conversar conosco, a dizer-nos coisas, segredos, que lhe haviamos contado e que nos tinham esquecido.

Era tarde. Uma aragem leve soprava, levando farrapinhos de neveiro, voando pelo céu como almas brancas, de encontro á lua. Os fios do telegrapho gemiam devagarinho no alto dos postes, nas cruces de muitos braços. Ninguem por ali fóra, apenas um ou outro guarda da alfandega a passear, ou de braços crusados, somnolento, junto á guarita. Estava fechada a feira. Atravez dos pannos velhos das barracas, via-se n'uma ou outra, a luz d'um candeeiro de petroleo, alastrando-se na lona em nodos amarella, com um ponto ao centro muito brilhante. N'umas ouvia-se gente a resonar, n'outras um murmurio de conversações, os arranjos da partida para Belem.

Essa é que é a feira classica dos arredores de Lisboa. Vai breve começar. Acham-se já marcados os logares de cento e tantas barracas de quinilherias, queijadeiras, taberneiros, theatros, fenomenos, tiro ao alvo, ciclramas, ourives, es-

tanqueiros, pim-pam-pum, loiças das Caldas, capilés, fructas seccas e quantas mais que vão transformar aquella praça, em que um dia se ha de erguer a estatua de Affonso de Albuquerque, n'um verdadeiro inferno bulhento, cheio dos pregões dos taberneiros, dos discursos dos cicerones, dos reclamos dos empresarios, das notas metallicas dos cornetins, das pancadas dos zabumbas, dos apitos dos americanos, das cantigas dos bebados, de tiros, de gritos, de notas desafinadas dos pianos e dos cantos alcoolizados das camareras.

Divertimento barato e por isso mesmo alegre e bom, grande tempo para os theatros populares, para as magicas e dramas militares do Dallot.

Tanto mais serão elles concorridos, quanto parece quasi certo que apenas um theatro em Lisboa conservará no mez d'agosto as portas abertas.

A Trindade prepara uma grande festa para a primeira representação dos *Filhos do Capitão-Mór*. peça original de Eduardo Scwalback com musica dos maestros Augusto Machado e Thomaz Del Negro.

Eduardo Scwalback é seguramente um dos nossos primeiros auctores de comedia. Desde o *Intimo*, em que a sua veia comica e espirito fino se revelaram nos papeis do Conselheiro Napoleão e do jornalista, até á sua ultima peça, *Retalhos de Lisboa*, revista do anno que depois de ter dezenas de representações no theatro da Trindade, ainda veio dar boas casas ao D. Amelia, o nome de comediographo criado por Scwalback não tem feito senão engrandecer.

Os dois maestros encarregados da parte musical são conhecidos e tudo ha a esperar da sua larga experiencia e bom nome adquirido em variadissimas composições.

A companhia que actualmente funciona no theatro D. Amelia descançará durante o mez de agosto. Entretanto vai tendo boas casas com *A Mangerona*, peça lindissima de Lecoq, em que todas as noites são applaudidissimas Lucinda do Carmo, cujo talento em todos os generos dramaticos se acha, ha muito, confirmado, e Rosa Paes, uma gentilissima criança, estrella que desponta e cujo arrebol nos promete uma actriz de primeira grandeza.

Em agosto vae tudo veraneiar. Veraneiar! Esta palavra excita a inveja dos que por ahi teem de ficar amarrados ás carteiras, aos exames dos meninos, a tanta coisa que massa para se poder continuar a viver na massada d'esta vida. Mas a maior parte dos que ficam é porque teem de ficar, é porque o dinheiro não chega. Muitos não o confessam e até ha quem esconda a sua miseria e falta de recursos em titulos pomposos. Haja vista aquelle bohemio francez que escrevia nos seus bilhetes de visita:

Robert Dupuis  
Membro do suffragio universal.

JOÃO DA CAMARA.

## A IMAGEM DA RAINHA SANTA

NA EGREJA DE S. DOMINGOS

Quando eu entrei no grande templo havia pouca luz na vasta nave, e pouca gente em volta da estatua. A luz foi crescendo, e os raros circumstantes — já outros tantos admiradores — em breve se tornaram multidão.

Uma idéa genial — digna do artista — a de expor a divina estatua n'aquelle recinto, sagrado pela religião!

Concebida, gerada, e dada á luz no meio dos primores da architectura gothica — nascida ella tambem na França — seria sob as altas naves, ladeada pelas altas columnas, sob os levantados tectos, cortados de artesões, e illuminada pelos reflexos e pela luz diffusa e colorida das formosas *vidraças* das esguias e elegantes janellas ogivaes d'uma cathedral gothica, que a imagem da Rainha Santa estaria, para nós, no seu verdadeiro lugar. Mais formosa seria, e mais para se ver e admirar. Mas, na falta do templo gothico — contemporaneo da sua vida — aquella igreja de S. Domingos, onde a vimos, é uma soberba moldura, e apesar da sua riqueza, do bruido dos seus oiros, do polido dos seus marmores, do brilho dos seus quadros, da concorrência dos brocados e setins das suas imagens, a estatua de Santa Isabel erguia-se, e dominava sobranceira; a grande figura da Rainha sobresaia e triumphava entre todos os esplendores da arte antiga e da religião christã, que a cercava!

A grande arte da Renascença abriu-lhe de par em par as portas d'um dos seus mais formosos

monumentos, e do alto das suas magestosas columnas applaudia o genio do artista, que por tal forma evocara uma das mais sympathicas e prestigiosas figuras do nosso velho Portugal!

Iamos rodeando a imagem, e ia-se ella aposando de nós, e conquistando a nossa admiração; que ella tem com que satisfazer a todos os espiritos — aos crentes e aos scepticos, aos que sabem e aos que ignoram, aos que veem e aos que sentem: os artistas admiram, os fieis adoram. Um soldado, que ali estava, contemplando-a, e voltando-se para o artista, disse: Abençoada mãe, que te creou! e no seu rosto trigueiro e viril lia-se o sentimento profundo das palavras que proferira.

E nós tambem diremos — Abençoados, em todos os tempos, os que teem um ideal — o da sciencia, o da arte, ou o da fé! São esses os escolhidos, são esses os grandes, são esses os immortaes!

A multidão, alli convocada pelo desusado espectáculo, contemplava silenciosa a obra do grande artista, e essa atmosphera de admiração a todos penetrava, em todos influa o mesmo sentimento, como se por todos passasse a mesma corrente electrica. No meu espirito porém, o scenario que tinha deante dos olhos, ia-se lentamente transformando, por esse poder magico de suggestão, que exercem em nós as bellas obras da arte.

As altas paredes do templo appareciam-me revestidas com as colgaduras das grandes festividades, e na sombra a multidão, reverente, esperava com anciedade. Via-se em todos o sentimento, que nas grandes ceremonias da egreja como que transfigura as mais humildes, as mais rudes physionomias, dando-lhes uma expressão de infavel beatitude. No alto da egreja, sentados, os dignitarios do Patriarchado, esperavam, solemnes, o momento de darem principio ás ceremonias.

Ia se proceder á benção, á sagração da imagem da Rainha Santa.....

Terminados os actos liturgicos, houve uma pausa, e em seguida todos os olhos se voltaram para o pulpito, onde surgira um grande orador — Antonio Candido ou Alves Mendes... Que era para os de larga envergadura o assumpto, enorme, immenso, que alli se lhe desenrolava para a sciencia, para a arte, para a fé, para a inspiração! Thema digno de Berryer, de Lamartine, de Castellar ou do nosso eloquente Pinheiro Chagas, se o verbo profano pudesse fazer-se ouvir nesse lugar, nesse *Forum* sagrado, d'onde só fallam, aos pequenos e aos grandes da terra, em nome de Deus, os Bossuet, os Lacordaire e os Vieira!

Ia fallar da *Edade Media*... A *Edade Media*! Esse periodo de formação das sociedades modernas; gestação confusa, cortada por convulsões enormes; vulcão em que a humanidade se revolvia! Longas e sanguinolentas tragedias; tempestades, rubras de coleras, em que desapareciam todos os suaves affectos do coração, apagados, varridos da alma humana pelo tempestuoso tropel das paixões das raças barbaras, que vieram tomar posse da herança romana, e cujos espiritos incultos, cujos membros desenvolvidos e agigantados, não se podiam sujeitar, nem manter dentro das linhas pautadas e grandiosas da velha sociedade dos Cesares, sem descompor a toga, sem a macularem de vinho e de sangue, sem arrastar na lama a purpura imperial!...

E a palavra grandiloqua e profunda do orador, a voz alta e vibrante, o gesto amplo, esboçavam a traços largos, o enorme quadro... Uma synthese, plena de idéas, rica de pensamentos, fulgurante como o sol, que do alto tudo fecunda e tudo illumina!

E eu via-o, na minha imaginação, percorrer a Europa, a Italia, a Alemanha, a França, e a Hespanha, fazendo apparecer na tela do seu discurso todas as grandes figuras, todos os grandes episodios — todos os amores e todos os odios — que a historia, o romance e a poesia trouxeram a nós d'esses tempos revoltos, em que os corações batiam rijo, e o sangue, pujante e novo, alimentava as paixões ingenuas e tragicas dos homens que acabavam de sair das florestas da Germania, dos pantanos do Danubio, dos confins da Asia; hordas de barbaros, dos quaes se pode dizer que estiveram por seculos acampados á sombra dos monumentos, e entre os esplendores da civilização romana!

E no meio d'este grandioso theatro, por vezes envolto em trevas, chegou um momento em que o orador apontou, para as bandas do occidente, uma luz, ao longe, como perdida — e a multidão seguiu

com os olhos o gesto indicador. Uma luz pequena, mas viva e pertinaz... Luz que se agita com os desgarrões do vento, mas que parece crescer... E cresce... e avulta, e já fulge, e já illumina! E aqui não disse elle que luz era aquella, não lhe pronunciou o nome, mas todos o sentiram, todos o adivinharam, como se lhe andassem no pensamento! Essa luz, esse nome, era a nossa terra, era Portugal! — esta grande terra, embora custe á injustiça e á inveja dos estranhos. Grande terra, ou, para melhor dizer, grande povo, porque a grandeza das nações, na balança da civilização, não se avalia pela geographia, mede-se pela historia. E o livro dos nossos destinos ainda não está cerrado... A raça portugueza está cheia de seiva, não dispendeu todas as suas energias na vida do passado, e ainda tem mais glorias para conquistar: quem povoou o Brazil, pode colonisar a Africa!

E' esta a nossa fé, e n'ella morreremos, em que peze aos politicos hypocritas, aos philosophos nihilistas, aos poetas funebres, cuja imaginação, anemica e desbordada, psalmêa por ahí, em lugubres carmes, o ultimo dia, o aniquilamento final da patria! E' esta a nossa fé — repetimos. A nau que leva os nossos destinos, tem surgido sempre, mesmo depois das maiores tempestades!

Nasceu Portugal — fundara-o com a espada o grande Affonso! Um seculo depois os seus descendentes eram reis de Portugal e dos Algarves. Estavam firmes os alicerces da nova nacionalidade, traçados os seus limites — a Hespanha e o mar. Chegara o momento de as armas cederem o logar á toga: surge D. Diniz. Singular figura, interessante physionomia a d'este rei! E aquelle orador imaginario — que eu alli estava phantasiando e ouvindo — levantou-o, ergueu-o vivo aos olhos do povo — administrador, sabio, poeta e mundano — pouco estudado pela historia, esboçado apenas, e representado na tradição popular pela celebre phrase — *o rei D. Diniz, que fez quanto quiz.*

Homem superior sentiu o que faltava ao seu reino, e da França lhe vieram os doutores, os mestres, os representantes da sciencia e da philosophia, os guias intellectuaes das novas gerações. Da Hespanha, do Aragão, lhe veio o que lhe faltava no lar — a esposa, a mãe, a satisfação dos affectos mais suaves, mais intimos do nosso ser. Esta foi Santa Isabel. Infanta em Hespanha, rainha em Portugal, fizeram-na santa as suas virtudes, as fraquezas do rei, e os desvarios do filho, que parece que nasceu violento e indomito, para pôr em relevo, para fazer valer mais, aos olhos do mundo, as altas qualidades da rainha, o seu espirito conciliador, a firmeza, a constancia do seu affecto, a generosidade do seu coração!

Essa sociedade d'outras eras, d'outros costumes — ingenua nas crenças, terrivel na paixão — a palavra magica do orador evocara-a para alli, como para formar o cortejo da Rainha Santa. E mais luz tinha a estatua, mais vida, mais sentimento, mais expressão, que tudo isso lh'o dava a historia amorosa e tragica dos acontecimentos em que ella andara envolvida, conquistando as bençãos dos seus e a admiração da posteridade! Suave e encantadora figura de mulher e de princeza christã, que nos apparece, no meio das agruras da vida medieval, sempre com palavras de paz, d'amor e de perdão!...

Achava-me eu n'este ponto do meu devaneio, quando senti uma mão pousar no meu braço, e uma voz dizer-me:

— O que está vendo?

Era Teixeira Lopes.

Disse-lhe o que estava — vendo não, mas sonhando...

— Uma bella phantasia — respondeu-me elle, — e eu tambem queria assistir a essa festa, quando ella fosse uma realidade. Mas, olhe, pôde completal-a: ahí vem a Rainha.

A visão desaparecera...

A realidade, a apparição da estatua aos olhos da Rainha, foi um doce momento de funda emoção para a sua alma de christã e de artista. Lia-se-lhe o contentamento na formosa e intelligente physionomia. Estava plenamente realisado o seu desejo.

A imagem da Rainha Santa Isabel, notabilissima a todos os respeitos como execução — na escultura e na pintura — é merecedora d'um artigo especial, e, verdadeiramente, a sua historia quem a poderia escrever é o seu auctor. E' uma

obra d'exame, com ponto difficil. O artista tinha que satisfazer a sciencia, a esthetica dos artistas, seus pares, e dos seus mestres, aqui e em França, e ao mesmo tempo fazer uma imagem para um templo, para os fieis a venerarem, e para a implorarem, nos momentos angustiosos da sua vida.

Seria bem recebida uma estatua executada no estylo moderno e realista? Devia o artista preferir o gothico genuino, o puro gothico da escultura franceza medieval? Representaria a Rainha, poderosa, rica e altiva, respirando a grandeza e a magestade, dando aos pobres, por dever do logar, e incluindo a sua generosidade nos gastos de representação, ou a princeza, mulher de coração, alma compadecida, dando aos pobres, aos desvalidos, o ouro dos seus cofres, e a todos o exemplo da sua humildade, da sua resignação, das suas virtudes de mulher, de esposa de mãe, e de christã?

O problema artistico era, como se vê, um pouco complexo, prestava-se a varias soluções — diversas entre si — conforme os pontos de vista por que se encarasse, o fim a que era destinado, a intenção primeira, e o modo de ver de quem, no seu alto espirito, primeiro o formula: a. E accresce a isto, que, sendo uma criação, uma pura obra de arte, havia de representar um personagem historico, que a lenda, a imaginação das gerações que se lhe succederam, cercou d'essa atmosphera ideal, d'essa auréola de poesia, que engrandece a imagem, que lhe esbate os contornos dentro da nossa phantasia, e que por isso torna difficil, senão, ás vezes, impossivel, a sua realisação, quando, pela pintura ou com o cinzel, a pretendemos evocar, dando-lhe a forma material da vida.

A estatua, que acabamos de ver, prova que o illustre artista estudou todas as condições do problema, e que o resolveu com um alto criterio. Na estatua de Santa Isabel o que sobressae, não é a Rainha, é a santa; não é o orgulho, é a caridade: não dá audiencia, dá esmolas. Para olhos mundanos, lá tem a corôa; que as bençãos dos povos deram-lhe outra, mais subida!

Altos eram já os encargos da corôa, necessaria portanto a prudencia nos actos, e D. Diniz — o rei administrador, que succedia aos homens de guerra, seus antepassados — acharia excessivo o que o animo da Rainha julgava apenas justo. A posição da imagem, o gesto da mão direita que, tão naturalmente, se recolhe, como que a esconder-se, o movimento de hesitação, quasi de susto, que se lê em toda a figura, e que é d'uma verdade flagrante, nas suas linhas, na ondulação do seu perfil — dizem-nos, com sufficiente eloquencia, qual foi o momento escolhido pelo artista para a representar. Mas, de todos os primores que a exornam, o que mais avulta é a expressão ideal do seu rosto — uma luz d'uma suavidade celestial, como raras vezes temos visto nas obras dos artistas mais famosos, dos primitivos italianos da idade media, e que parece irradiar-lhe dos olhos, a despeito das palpebras cerradas, e illumina-lhe toda a figura! Teem, na vida, alguns olhos esse divino condão! Aqui a arte rivalisou com a natureza!

São felizes os Reis, os Medicis, os protectores das artes, quando encontram quem comprehenda e realise tão brilhantemente os seus altos e generosos pensamentos. No ceremonial da sua vida não figura de certo todos os dias a felicidade — são homens; mas foi — iamos jural-o — um momento feliz e de gratas recordações para a Rainha, a Senhora D. Amelia, aquelle, em que, entrando na igreja de S. Domingos, defrontou com a estatua da Rainha Santa, e viu cumpridos pela arte os seus desejos, os seus sonhos de christã e d'artista, por tanto tempo acariciados.

Não tem faltado ao grande esculptor o: applausos — o nome de Teixeira Lopes correu de bocca em bocca. A imprensa disse-o por todo o reino.

Esta joia d'arte é mais um florão na corôa da Augusta Rainha, e ao mesmo tempo uma divida de gratidão para a arte nacional, que se deve orgulhar, por contar entre os seus cultores mais um, que tanto a illustra.

No periodo actual, no momento em que vemos lampear, ao longe, no firmamento da nossa gloriosa historia, as espadas coruscantes dos Gamas, dos Almeidas e dos Albuquerque, é bom, faz bem ao espirito, retempera a nossa alma de portuguezes, saber que ainda vive esta terra, que ainda tem heroes e espadas que repitam, na Africa, a epopéa da India, e artistas como este e outros, que na tela e no marmore os podem immortalisar!

23 de julho de 1896.

Zacharias d'Aça.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### O VELHO MOSTEIRO DE SANTA CLARA E O TUMULO DA RAINHA SANTA

Quem visitar Coimbra encontra logo, proximo ao Mondego, o velho mosteiro de Santa Clara, cahido em ruina, meio soterrado pelas areias do rio.

Aquellas ruinas, porém, são uma reliquia historica do seculo xii, como poucas ha em o nosso paiz, porque a ellas está ligada a memoria de uma rainha, que a Igreja canonisou, pelas suas muitas virtudes e espirito bem formado, que destacou no meio do obscurantismo e barberie d'aquelles tempos, — D. Isabel de Aragão, mulher de El-rei D. Diniz

Foi ali que, depois de viuva, viveu a virtuosa Rainha e n'elle veu a ter sepultura, como deixara determinado em seu testamento

Isabel de Aragão falleceu em Extremoz a 4 de julho de 1335, onde viêra de Coimbra para demover seu filho D. Affonso IV da guerra que queria tentar contra D. Affonso XI de Hespanha.

O seu corpo foi conduzido com grande aparato para o mosteiro de Santa Clara de Coimbra, onde foi sepultado em o tumulo que a propria rainha mandara fazer, segundo dizem alguns auctores.

O mosteiro de Santa Clara, fundado por D. Maior Dias, religiosa do mosteiro de S. João das Donas, foi largamente beneficiado pela Rainha Santa não só, augmentando muito a primitiva edificação, com a ampliação da igreja, construcção de um hospital annexo e os paços para sua habitação, mas ainda dotando a ordem com maiores rendas.

A ruina em que este edificio cahiu obrigou as religiosas a abandonal-o em 1677, passando para o actual convento de Santa Clara, que D. João IV mandara edificar, em vista da ruina do primitivo. Por este tempo foi trasladado o corpo da Rainha Santa para o novo convento, onde ficou depositado n'um cofre de prata e crystal obra de grande valor artistico e riqueza, mandado fazer pelo bispo conde D. Affonso de Castello Branco e que importou em quinze mil cruzados ou 6.000.000 réis o que para aquella epoca é quantia respeitavel.

## PORTUGAL EM 1760

*Cartas Familiares*  
de José Barzetti, traducidas do italiano

XVI

Aldeia Gallega, 17 de setembro de 1760.

Deus ajude o pobre viajante que hoje, duas horas depois do jantar, deixou Lisboa e veiu aqui ter para continuar a sua viagem de regresso á patria. Atravessêi o Tejo em frente d'esta aldeia, e este rio, que na sua foz não tem duas milhas de largo, tem nove defronte da cidade, que fica a algumas milhas áquem da foz. Mas o vento era de feição, e por isso fizemos depressa á véla essas nove milhas. Eis-me, pois, na melhor hospedaria, ou *estalagem*, como aqui dizem, de Aldeia Gallega; e os meus senhoris apostos constam de um quarto muito grande, cujas janellas se fecham com duas portas de madeira tão grandemente esburacadas e fendidas que Zefiro e Flora podem á sua vontade entrar e virem amar-se. Amar-se? Deus Omnipotente! Enfurecer-se, isso sim, se cá vierem! A sóco, a punhal, á pistola; porque este quarto é improprio para commercios amorosos. Quem diabo pôde devanear amores n'uma camara onde desde o diluvio até agora nunca mais se poz um leito, uma cadeira, uma mesa, um quadro, a minima cousa propria de um cavalheiro? Só os ratos e as ratazanas se entregarão ao amor; elles que por baixo das taboas do soalho me piscam o olho, me mostram tanto os bigodes, e parece que sorriem á moda portugueza para zombar de um sujeito como eu que se deixou cahir como um pateta em vir a estas terras. Oh pobre José, e onde dormirás tu esta noite, se aquelle teu nobre aposento não tem leito? — Onde? ai! sobre uma enxerga, padres conscriptos; sobre uma enxerga que por grande fortuna o meu creado Baptista me fez comprar em Lisboa, bem contra a

## TEMPLO DE S. FRANCISCO EM EYORA

(Concluído do n.º 632)



O ESCULPTOR TEIXEIRA LOPES

Vid. artigo «A imagem da rainha Santa»

minha vontade, *sub conditione*, todavia, de que eu toda a noite encontrasse por ali palha á venda, cousa que não é muito facil de obter. E' claro que esta noite para mim está destinada a grande batalha com as pulgas. Ha n'este quarto regimentos d'ellas, ou antes exercitos muito mais numerosos que aquelle que seguia Attila, *flagellum Dei*. Por muito feliz me darei, se não me tirarem o sangue das veias. A ceia não me dá cuidado, porque tenho commigo comida sufficiente para banquetear tres ou quatro casaes, comida que trouxe de Lisboa, parte cosinhada e parte crua, por conselho de um sapiente bruxo, o qual me prophetizou que teriamos a mesma morte de Ugolino em Pisa, se nos mettessemos a atravessar estas regiões sem uma abundante provisão de viatico. Oh vós, novas irmãs do Pindo; aonias donzellas, oh por aquelle desejo que eu tive sempre de seguir-vos desde a infancia, por tantos de aquelles magros versos que me ouvistes cantar comvosco desde pequenino na adolescencia e já homem, oh pedi ao illustrissimo senhor Phebo, vosso pae, que amanhã apparelhe Ethon-te e Pyroo um pouco antes da hora costumada, para que eu possa sahir bem cedo de Aldeia Gallega para nunca mais cá voltar, nunca mais, nunca mais! Meus irmãos, dormi vós bem por mim, que não espero ter mais uma hora de sono regalado, enquanto dormir em Portugal, segundo me prophetizam os maus adivinhos, até me vêr fóra da gloriosa Iberia. Adeus.

P. S. Acabou a ceia; e, vendo pelos sobreditos buracos e fendas das janellas uma nesga de lua brilhar clara como ambar, deu-me vontade de dar um passeio um pouco nocturno por Aldeia Gallega. A vontade que eu tive muitos habitantes d'esta aldeia a tiveram tambem. Andei muito devagar uma hora ao longo da margem do Tejo, sereno e bello; um passeio fresco e aprazível; ora contemplando o rio, ora a lua, escutando os murmurios e reparando nos sorrisos maliciosos dos galans de Aldeia Gallega, que a todo o instante passam a meu lado, agarrados ás suas queimadas e sujas conterraneas. Agora é tempo de dormir, quer queira quer não, por não ser lá muito bom passar uma noite inteira a passear ou a meditar pela margem de um rio; pelo que, deixan-

do o manso Tejo, e volvendo a passos lentos para a estalagem, exclamo com a namorada Colombina da comedia: Oh enxerga, enxerga! Outra vez adeus.

Alberto Telles.

Pelas obras e concessões del-rei D. Manuel, não se chegaram a separar os dominios reaes dos franciscanos, antes permaneceram, como antecedentemente, em reciproca dependencia. Servia-se a côrte da tribuna da egreja por meio de communicações interiores, e consta que no tempo de D. João III não havia menos de sete portas comuns aos paços e ao convento. Assim continuou tudo até ao tempo de Filipe III de Hespanha, que em 1619 deu aos religiosos todo o ferro do palacio para o applicarem a obras suas. Em 1626 deu-lhes tres salas, sendo uma d'ellas o quarto da rainha, que era do lado do Rocio, para o transformarem em dormitorio, e, além d'isso, o jardim, o laranjal e a agua da Prata.

Aproveitaram-se os frades das concessões, destruindo as grandezas do palacio, e enxertando no convento os marmores, as madeiras e todos os ricos despojos que alli encontraram; de modo que de tão vastos edificios não restam mais que as ruinas de duas galerias <sup>1</sup>.

Do convento já tambem se não conserva muito. A parte menos arruinada é aquella onde se construíram no seculo XVII os dormitorios, cujas janellas dão sobre a rua do Paço e para o passeio publico. O que d'ahi se segue até á egreja são tudo ruinas. O reiteitorio, construído por D. Manuel, como se via pelas esferas da abobada, e que estava contiguo á claustra, foi demolido em 1864 depois de ter servido de tribunal judicial. Destinára-se o espaço que occupava e o terreno proximo á construcção de um mercado, que não teve ainda principio.

Os restos do convento e dos paços, com a cêrca pertencem hoje á camara. O que passou dos fieis devotos aos frades, dos frades aos reis, e d'estes outra vez áquelles, veio a final, pela successão dos tempos, a ser do municipio. Assim se restituiu ao dominio popular aquillo que primeiro pertenceu ao povo. O que as revoluções aniquilaram, o que a iguorancia e o desleixo destruíram, isso que a ninguém utilisou, sirva ao menos de persuadir a necessidade de preparar um futuro mais civilisado que os ultimos seculos, compre-

<sup>1</sup> O padre Manuel Fialho viu, segundo diz, entre os papéis do convento as provisões de Filipe III. Jorge Cárdeas escreveu a este respeito o seguinte no *Agiologio Lusitano*: «Hoje está reedificado (o convento) e em grande perfeição e restituído á sua primeira grandezza por mercê de Filipe III, quando veio a este reino, o qual pousando n'elle fez doação de tudo aos religiosos, que de seus famosos portaes se aproveitaram para a obra, logrando ainda agora o celebre tanque e laranjal.»



O VELHO MOSTEIRO DE SANTA CLARA, ONDE VIVEU A RAINHA SANTA ISABEL

hendendo, apesar de todas as luzes, este em que vivemos.

E' grande a altura da igreja, e todavia, excepto a arcada que guarne a frente e algumas construcções, baixas e irregulares, que se lhe encostam ao lado, não tem escoras, botarões ou quaesquer outras obras de reforço que exteriormente mantenhiam firmes as paredes. Parece que de proposito a deixaram assim, erma e desacompanhada, para melhor representar em sua grandeza e simplicidade a maior e a mais simples de todas as idéas.

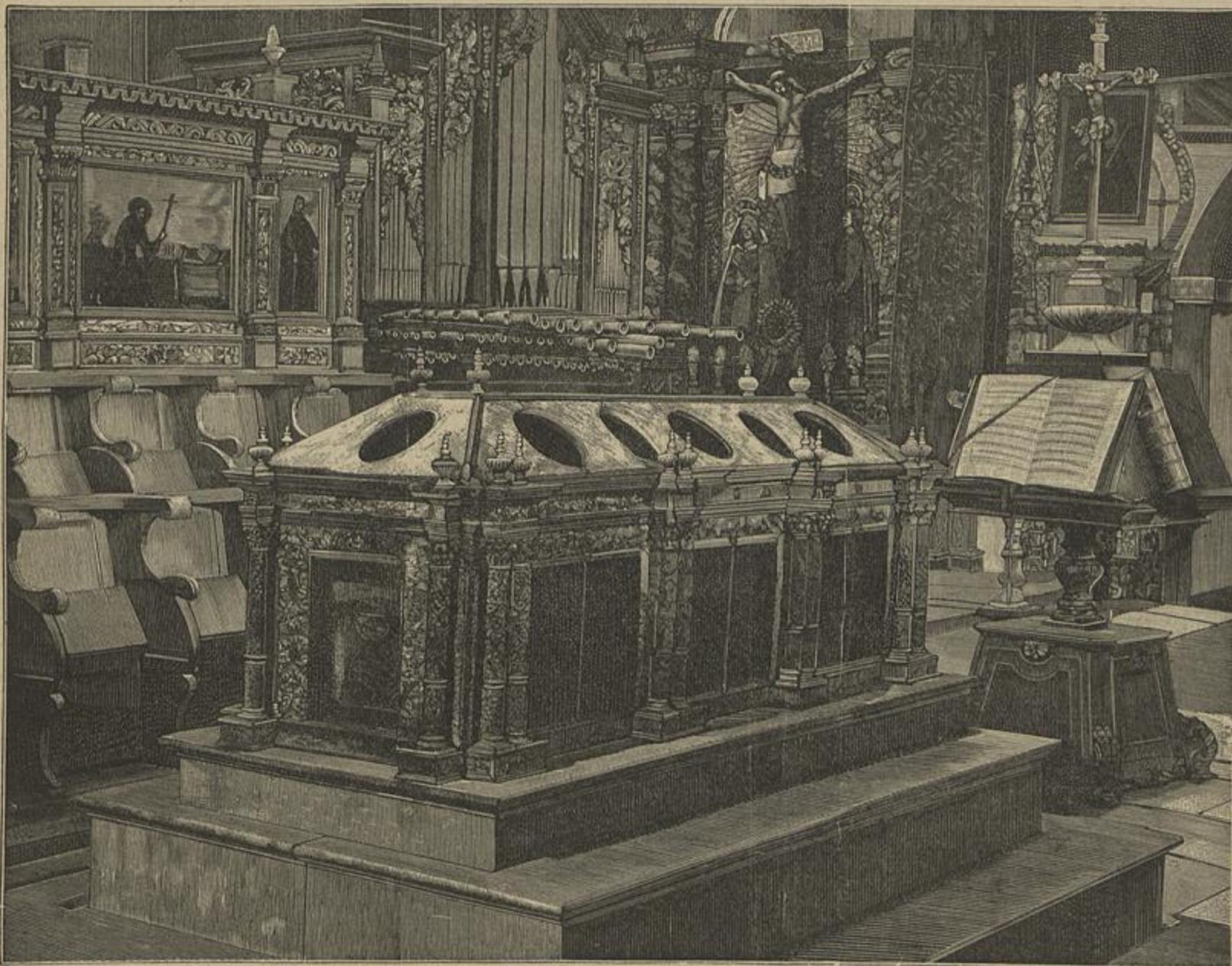
Corresponde á exterior a vista interior do templo. Nada obstrue a amplitude da nave, unica e indivisa. Além dos rebordos dos arcos, que transversalmente cortam a abóbada e se prolongam

Conta-se que entrando d'uma vez D. João de Castro na igreja de S. Francisco, exclamára: «Bravo templo!» Foi natural a exclamação. Quem mede com os olhos a espessura das paredes nas festas, que é, pouco mais ou menos, de 0,70 e a compara com a elevação e largura da abóbada, receia de a vêr desabar, similhantemente ao que, por diversa razão, succede na casa do capitulo da Batalha. Numa e outra quizeram os architectos deixar-nos d'aquelles milagres da arte que assustam e admiram.

A traça que o de S. Francisco imaginou para resolver o problema com que nem todos se atreveriam, foi muito simples e engenhosa. Em vez de uma só parede de proporcionada grossura,

transversalmente prendem as fachadas lateraes da igreja, isto é, as partes superiores dos quadros.

Para fazer mais segura a sua obra, o architecto ergueu outra parede longitudinal por cima de todo o acume da abóbada, cortando assim perpendicularmente e na linha média do tecto as paredes transversaes, e do mesmo modo travou as inferiores com uma parede similhante, que liga debaixo do chão os dois extremos da nave. Os coruchéos que se avistam na aresta mais alta do tecto assentam sobre as intersecções da parede longitudinal superior com as transversaes, e augmentam com o seu peso a solidez de toda a fabrica. Como dissémos, só em cima dos telhados se vê o que chamaremos esqueleto da igreja, no qual reside a



TUMULO DA RAINHA SANTA ISABEL, NO CONVENTO DE SANTA CLARA, EM COIMBRA

(Cópia de uma photographia do sr. Santos)

bifurcados por lhe formarem os avançamentos, não ha outras saliencias nas altas paredes que se aprumam lisas e desornadas, como o habito singelo de S. Francisco<sup>1</sup>.

Desde a porta principal até aos degraus do altar-mór tem a igreja 44<sup>m</sup> de comprimento; e de largura, em qualquer parte do corpo, abaixo do cruzeiro 13<sup>m</sup>. A altura, desde o pavimento até ao fecho da abóbada, não será talvez inferior a 24<sup>m</sup>.

<sup>1</sup> O padre Fialho censurou esta singeleza, que é um dos mais apreciaveis attributos do templo, dizendo que, se estivesse ornado como podéra estar, seria «um gostoso enlevo dos olhos e admiração dos juizes»; e que muita graça achava a quem dizia que os religiosos de proposito o conservavam assim, por dizer bem o par do da pedra e do roçado com a cor do habito. Vê-se, pois, que nos principios do seculo passado estavam já de incubação na cabeça do bom do jesuita os germens da escola dos emplastradores, que mais tarde se formou e desenvolveu, e por cuja incançavel diligencia vemos hoje cobertos de cal e reboco os principais monumentos da cidade.

construiu duas de cada lado da igreja, separadas por um vão de pouco mais de 3<sup>m</sup>, cuja parte inferior aproveitou para accommodar as capellas lateraes. De espaço a espaço travou as duas paredes com outras transversaes, que em baixo separam as capellas entre si. Sobre estas paredes transversaes, que são seis de cada lado, estribou equal numero de arcos, que dividem o tecto n'outras tantas secções, e ao mesmo tempo servem de base a novas paredes, que por cima da abóbada continuam as transversaes de um lado da igreja com as do lado opposto. E em correspondencia a estas paredes superiores, e nos mesmos planos, construiu outras debaixo do chão, que igualmente continuam as transversaes. D'est'arte formou no templo seis quadros ou caixilhos enormes, que dentro d'elle se não vêem, por ficarem dos lados, entre as paredes geraes, em cima superiores á abóbada, e em baixo enterrados no chão. Descubrem-se, porém, sobre os telhados as paredes que

fortaleza com que ella tem resistido aos seculos que decorreram depois da reedificação, apesar de serem de alvenaria as suas delgadas paredes.

Por cima da porta principal, da parte de fóra, e tambem dentro, no alto do cruzeiro, estão as armas reaes entre o pelicano e a esphera, pelo que pretendem alguns que a reedificação do templo foi começada por el-rei D. João II e concluida por D. Manuel<sup>1</sup>.

Em logar nenhum do edificio apparece a data da construcção ou o nome do architecto. Entre tanto, o conde de Raczynski menciona em o seu *Diccionario historico artistico de Portugal* uma communicação que lhe foi feita pelo visconde de Juromenha, d'onde consta haver sido Martim Lourenço o mestre das obras de S. Francisco. Assim

<sup>1</sup> No portal do hospital de Todos os Santos, em Lisboa, havia tambem os dois emblemas, por ter sido este edificio começa do por D. João II e concluido por D. Manuel.

o designam alguns alvarás del-rei D. Manuel, que em 1507 e 1512 ordenava que lhe pagassem os salarios, em 1513 nomeava-o mestre das obras reaes e outras da cidade de Evora, e n'este mesmo anno lhe mandava dar os utensilios necessarios para edificar o dormitorio do convento.

Segundo uma tradição que se conserva na cidade e alguns escriptores repetiram, o architecto, depois de levantar as paredes, fugiu, e só passados dez annos voltou para concluir as obras. É provavel que o tempo que levaria a consolidar o esqueleto da igreja desse origem a esta fabula.

A direita de quem entra no templo, na primeira capella, está, em grande parte occultado pelo retabulo de madeira, um tumulo muito antigo e de extranho lavor. Tem no tópo as armas dos Cogominhos, na frente as imagens dos apóstolos, e em cima, deitada, a figura gigantesca d'aquelle cujos restos encerra. Por cima dos apóstolos e das armas lê-se a seguinte inscripção:

«Aqui jaz o muito honrado Fernão Gonçalves Cogominho, senhor que foi das villas de Aguiar e Oriolla, instituidor do morgado da Torre dos Coelheiros, fidalgo del-rei D. Affonso o quarto. Falleceu na era de 1364 annos.»

O tumulo é de marmore branco e assenta sobre leões do mesmo, assaz emplastrados de rebôco e talvez em partes mutilados. Os amadores dos preciosos restos da antiga escultura portugueza lamentam que este se não ache mais bem conservado, e mais limpo e desobstruido do pó, da madeira e da cal que o encobrem.

Jazem pelo chão das capellas e da nave muitas campas com seus letreiros. Algumas, segundo ouvimos, foram ha poucos annos para aqui transportadas da igreja da Graça, o que poderá induzir a graves erros quem o ignorar.

Occupava antigamente a tribuna real não pequeno espaço por cima da capella mais proxima ao cruzeiro do lado da Epistola. Porque estava aruinada e parecia de todo inutil, a taparam sem deixarem vestigios, quando se fizeram os ultimos reparos no templo.

O retabulo da capella-mór é de marmore. Mandou-o fazer no seculo passado o conego Antonio de Landim e Sande, que á sua custa reedificou tambem a enfermaria do convento em 1772. É aquella obra de pessimo gosto, destaca desagradavelmente do estylo da igreja, e mostra haver sido desenhada por quem não sabia as regras mais simples da architectura.

Houve no convento de S. Francisco alguns bons quadros, attribuidos, segundo o costume, a Grão Vasco. Transportou-os em 1834 para Lisboa, por ordem do governo, o dr. Antonio Nunes de Carvalho, com os mais que colligiu nos outros conventos da cidade. Passavam de quatrocentos todos elles.

Dos melhores dos franciscanos apenas ficaram os que estão embebidos nos retabulos dos altares lateraes contiguos á capella-mór. Taes são no lado do Evangelho: S. Francisco, Santo Antonio, Santa Clara e outro santo da ordem; e no correspondente do lado da Epistola: S. Jeronymo e outro santo eremita, o Anjo Custodio e S. Miguel, todos pintados em madeira. Este ultimo quadro representa o archanjo brandindo a espada com a mão direita, e como que acertando os golpes a uma nuvem que tem presa por uma cadeia na mão esquerda. A nuvem parece um horrão com que quizeram encobrir a figura do demonio, que em semelhante sitio se costuma pintar.

Conta-se a este respeito uma anecdota que repetiremos aqui, apesar do anachronismo e das demais razões que a tornam inadmissivel. Morria de amores o Grão Vasco por certa dama da corte del-rei D. Manuel. Não lhe correspondia ella, antes por sua fealdade o escarnecia e desprezava. Cançado o pintor do seu inutil galanteio, transformou-se-lhe o amor em odio, e estando de uma vez na igreja a pintar o quadro de S. Miguel, como visse a dama na tribuna, zombando conforme costumava, retratou-a aos pés do santo, por que ficasse alli, feita demo, pagando suas culpas. Esteve assim o painel muitos annos, ate que certo guardião do convento, lembrando-se que algumas vezes se distrahiria a contemplar as perfeições do diabo, para que isto não tornasse a succeder, mandou garabulhar a figura na fórma que se vê.

Na capella do cruzeiro, da parte da Epistola, ha uma porta, que de ordinario permanece aberta, patenteando ao publico tres casas, que largamente communicam entre si, todas subjacentes ao dormitorio. A primeira é a casa do capitulo, onde se enterravam religiosos.

A segunda serviu antigamente de capella de Santo Antonio; aqui se conserva a urna de marmore com os ossos dos fundadores, a que alludimos no principio d'este artigo.

A terceira é a casa dos ossos, notavel por seu extranho revestimento, e pela devoção e assiduidade com que o povo eborense a venera e frequenta. N'um espaço de 11<sup>m</sup> de largo e 18<sup>m</sup>,70 de comprido, á debil claridade que entra por umas pequenas frestas, não se vêem senão craneos e outros ossos humanos, que, ligados por cimento pardo, cobrem completamente as paredes e os oito pilares que sustentam a obobada.

Por cima da porta lê-se:

«Nós ossos que cá estamos  
Pelos vossos esperamos. (1)»

Parece que o auctor do distico pretendeu augmentar o effeito de terror e tristeza que n'este lugar se experimenta, animando os ossos e dando-lhes voz para annunciarem aos vivos a idéa lugubre da morte.

Usavam alguns antigos povos collocar os ossos humanos em sitios frequentados, a fim de que os homens, pela continuação de os verem, repugnassem menos a idéa da morte, se recordassem de seu inevitavel termo, e se expozessem tambem com mais coragem aos perigos da guerra.

É possível que estas idéas de moral e de politica movessem igualmente os frades, em epocha remota, que se não pôde hoje determinar, a construir a capella dos ossos. Foram de certo mui outras as que mais tarde os levaram a pendurar n'uma parede um esqueleto com suas cartilagens, tendões e pelle resequida, o qual, segundo crêmos, ainda lá não estava no fim do seculo passado, pois descrevendo Murphy minuciosamente a capella, não fez menção de tal objecto.

Ignoramos a razão por que hoje se conserva aquelle asqueroso ornato n'um lugar tão concorrido, onde mal parece tudo o que não é conforme ás regras da decencia e do acao.

No altar da casa dos ossos está uma imagem do Senhor dos Passos. Serve-lhe de retabulo o modelo da capella-mór da sé. Este modelo, de madeira pintada e doirada, é obra de algum marmecimento, e muito digna de estar em sitio onde melhor se pudesse examinar. Defende o altar uma balustrada de madeira e de marmore que pertence á igreja da Graça, e bem se vê não ter sido feita para estar entre ossadas humanas.

No anno de 1854, extinctas as ordens religiosas, ficou a igreja abandonada, e assim se conservou até ao anno de 1837, em que a irmandade da ordem terceira, que tinha ha muito tempo a sua capella e casa de reuniões contiguas ao templo, pediu que lhe fossem dadas as chaves, a fim de cuidar do seu acao e conservação, e patentear aos fieis a casa dos ossos. Em 1840 foi a igreja destinada á parochia de S. Pedro, cuja transferencia se effectuou em 28 de novembro do mesmo anno.

Todavia, como já em tempo dos frades o edificio ameaçasse ruina, progrediu o estrago a ponto de se determinar que de novo o fechassem e transferissem a parochia para a igreja do Carmo. N'esta conjunctura conseguiu o digno prior da freguezia, de accordo com a junta de parochia, espaçar a execução da ordem, e, auxiliado pelas auctoridades locais e por alguns respeitaveis cavalheiros da cidade, promoveu uma subscripção para os reparos da igreja. Não se pouparam a esforços e diligencias os membros da commissão que para tal fim se organisou, e coube-lhes a gloria de levarem a cabo a empreza, cuja iniciativa e proseguimento mais em particular se devem áquelle digno ecclesiastico.

Produziu a subscripção a avultada quantia de 3:411\$481 réis; e, além d'isso, concorreu o governo de sua magestade com a subvenção de réis 3:000\$000. Começaram as obras em janeiro de 1860, e em junho de 1862 foi solemnemente restituida ao culto divino a igreja de S. Francisco. Assim, pela devoção e patriotismo dos cidadãos eborenses, se salvou da ruina o mais bello templo da cidade de Evora, e um monumento notavel da architectura nacional.

A. Filippe Simões.

#### CAPITULOS INEDITOS

DA

#### CHRONICA DE D. AFFONSO HENRIQUES

POR DUARTE GALVÃO

(Continuado do numero 628)

O Principe D. Affonso Henriques (a despeito de sua mãe a rainha D. Thereza e todo o Clero e

<sup>1</sup> O traductor da Viagem de Murphy verteu estes dois versos nos seguintes, que chamamos francez litteral:

*Tout ce qu'ici nous sommes d'os,  
Lecteurs, nous attendons vos peaux.*

Povo de Coimbra, que portulavam para Bispo d'aquella Sé o Arcediago da mesma D. Tello) o nomeou Bispo de Coimbra no anno de 1128. E como este monge nunca depoz o habito dos Negros, como então chamavam aos que professavam a Religião de S. Bento, e os conegos da Sé de Coimbra vestiam branco, em razão das grandes sobrepeles que então usavam; os mal affectos diziam que tinham n'aquella Sé um Bispo Negro, para não dizerem com maior indecencia, e atrevimento, um Negro Bispo.

Fosse, porém, como fosse, eis os tres capitulos na chronica impressa e os quaes transcrevemos na orthographia actual, visto a sua leitura, na orthographia em que a chronica está escripta, se tornaria fastidiosa para muitos:

#### CAPITULO XXI

*Do recado e embaixadas que o Papa mandou pelo bispo de Coimbra a el rei D. Affonso Henriques sobre a prisao de sua mãe, e o que n'isso passou com o bispo.*

Depois d'isto, estando el-rei D. Affonso Henriques em Coimbra, sua mãe se enviou muito que-relar ao Santo Padre, da prisao em que a tinha seu filho tantos tempos havia; e o Padre Santo teve aquella cousa por extranha e mui mal feita e determinou de mandar a Portugal sobre isto o bispo de Coimbra que então lá estava em Roma, dando-lhe cartas e grandes mandados para el-rei D. Affonso que tirasse sua mãe da prisao, e não o querendo assim cumprir fosse interdito posto em todo o reino.

E partiu-se o bispo para Portugal e veiu a el-rei, ao qual, depois de dar as letras do Santo Padre e dizer sua embaixada, el-rei disse ao bispo:—Que tinha o Santo Padre de fazer em elle ter sua mãe preza? Que fosse bem certo que nem por mandado do Papa nem d'outro nenhum, elle em modo algum a soltaria, porque o havia assim por mais serviço de Deus e bem do seu reino. — Quando o bispo viu que outro recado não podia nem esperava achar em el-rei, trabalhou-se de cumprir o que o Santo Padre lhe tinha mandado, e então excommungou toda a terra e partiu-se de novo fugindo.

Quando veio pela manhã disseram a el-rei que era excommungado e toda sua terra, do que sendo mui irado se foi á Sé e fez entrar todos os conegos na Claustro em Cabido e disse-lhes:—D'entre todos me dae um bispo. — Elles responderam todos: — Bispo temos: como vos daremos outro bispo? — Disse el-rei:—Esse que vós dizeis nunca aqui será bispo em todos meus dias; mas pois assim é, sahi-vos todos pela porta fóra e eu catarrei quem faça bispo. — Elles sahiram se e el-rei vindo pela claustro viu vir um clerigo que era negro e disse-lhe: — Como has nome? — O clerigo respondeu: — Hei nome Marim. — E teu pae como se chamava? — Colleima — disse elle. El-rei perguntou-lhe — És bom clerigo ou sabes bem o officio da Igreja? — E elle respondeu. — Não ha ahi melhores dons na Hespanha, nem que o melhor saibam. — Então, disse el-rei, tu serás bispo Dom Colleima e ordena logo como me digas missa. — Senhor, disse elle, eu não sou ordenado como bispo para vol-a poder dizer. — Acudiu el-rei: — Eu te ordeno como bispo, que m'a possas dizer e appaella-te como logo me digas, senão eu te cortarei a cabeça com esta espada. — E o clerigo, com medo, revestiu-se para dizer missa solemnemente como bispo.

Sabido este feito em Roma, cuidaram que el-rei era hereje, e enviou-lhe o Papa um cardeal que lhe ensinasse a fé.

#### CAPITULO XXII

*Aqui falla Duarte Galvão, author, como este feito de el rei D. Affonso Henriques e outros simillhantes, nos bons principes devem ser julgados.*

A novidade que esta cousa assim feita por el-rei D. Affonso Henriques assim poderá parecer a quem quer que a ler e ouvir, como pareceu n'aquelle tempo, me faz haver por necessario, antes que mais por ella prosiga, fazer alguma salva d'este caso por trazer consigo mostra de exorbitancia.

No que certo, assim como se não pode negar cousas de tal modo feitas serem fóra do que os homens devem, assim se não pôde deixar de confessar o modo e maneira do rei ser mui fóra dos outros homens; que o rei não é rei per si nem para si, e para obrar e se salvar, outro hade ser o caminho do rei, outro o do frade. E pois o coraço do rei é na mão de Deus e onde Deus quer o inclina, segundo diz a Sagrada Escripura, como

se deve crer nem cuidar que rei catholico e virtuoso faça nenhuma cousa semelhante fóra da vontade e querer de Deus, ainda que seja fóra da vontade e parecer dos homens?

Que assim como Deus, sem nosso saber, nos leva muitas vezes por onde não queremos ao que mais devemos querer, assim é de cuidar que dispensa occultamente, sempre, porém, justamente, como se faça ás vezes o que parece que não deve ser, porque venhamos ao que elle quer e ordena que seja.

Ordenava Deus e queria constituir e estabelecer Portugal reino para muito mysterio de seu serviço e exalçamento da santa fé; como elle seja louvado se manifestou e cada vez mais manifestou, no que com muita razão pôde também entrar este feito de el-rei D. Affonso Henriques em fazer assim este bispo como figura já então prognosticada do grande mysterio que só por mão de seus successores Nosso Senhor adiante ordenava, que as gentes tinctas, das Ethiopias e Indias, e outras terras novamente por sua navegação e conquista achadas, viessem a entrar e ser metidas na fé de Christo; e isto tanto pela ventura por Deus querido e figurado então n'este um negro assim tomado e metido no seio da Santa Madre Igreja, quanto agora o seu muito louvor se vê manifestado e cumprido e mui e muitos outros, por mão dos successores de quem aquillo fez. Assim que era el-rei D. Affonso Henriques então nos começos d'estas cousas, tendo Castella por contraria e pelo seu respeito por ventura o Papa, e pois lhe Deus para isso tirava e desfazia os impedimentos e chegava todos os bens e ajudas, como não creemos que dispensando com a ordem que deu geralmente entre os homens, inspirasse no coração de el-rei D. Affonso que houvesse por bem fazer assim por então aquellas cousas, e as fizesse, quanto mais perseverando elle depois no proposito dellas sem mostrança de arrependimento, como cousa que assim mais cumpria ao mysterio que se de Portugal ordenava, que era constituir se reino, e constituido accrescentar-se, e accrescentado conservar-se, sem ter dever com impedimentos humanos contrarios a tal disposição e juiz divino?

Tem a Igreja por Santas e faz festa a certas mulheres que se mataram, por em seus corpos não consentirem corrompimento e ha por salvo Santo Sansão, que também se matou e outros muitos comsigo; havendo a Igreja por certo que o virtuoso coração d'estes não podia obrar tamanho mal como é matar-se, senão pelo instincto de Deus inspirado. Quanto mais deve cuidar e crer em menos erro de reis virtuosos por Deus mui ajudados e prosperados sendo pessoas publicas postas nos reinos para bem dos reinos por Deus, e nas mãos de Deus mais que nenhuns outros homens; e posto que por ventura se veja ou leia, que cousas assim feitas não careceram n'este mundo de alguma punição, é de cuidar que ordena Deus isso porque se conserve todavia proposito e exemplo do que geralmente mandou que se fizesse, maiormente não sendo as tribulações e penas d'este mundo condemnação para o outro, mas provação ou mézina por de um muito bom rei fazerem ainda melhor, dando-lhe azo e causa de mais lembrança e conhecimento de Deus e da virtude, porque como diz S. Gregorio, os males que n'este mundo nos oppressam para Deus nos empuxam; pelo qual os semelhantes casos em principes catholicos e virtuosos, como era el-rei D. Affonso Henriques, não os cueiramos assim ligeiramente julgar, que não remetamos o intrinseco d'elles áquelle Supremo Saber do Senhor Deus, por cuja providencia se não faz nada n'este mundo sem causa, e assim não nos fará novidade nem espanto lél-os nem ouvir-os.

(Continúa)

Monoel M. Rodrigues.

## ODOARTE, O LEAL CAVALLEIRO

Romance... mui veridico

POR

H. KLEIN

(Continuado do numero antecedente)

A' tarde, seriam para ahí cinco horas, quando o senhor João Johannisberg, que fóra ao Casino entreter umas horas a ler, tomava outra vez pelo caminho da villa.

Havia prenuncios de temporal. O ceu carregado e sombrio, as nuvens amontoadas encubriam o pincaro elevado do monte Traunstein.

— Temos borrasca para esta noite, tão certo!... murmurou o mancebo. O ar está abafado como a breca. O vento, suão. Sinto as bagas do suor a borbotarem-me na testa.

Ao approximar-se da residencia do seu amphytrião, topou com Augusta, que se dispunha a entrar n'um barquinho, que estava amarrado á beira do lago. Era um bote de remos, comprido e estreito, d'esses que os inglezes inventaram para as regatas, e cuja moda espalharam por todo o continente europeu. Todos os annos, no verão, ha no lago de Gmunde uma regata d'esses taes barcos, ou guigas. Para maior ligeireza, são quasi todos feitos de pasta, impermeavel, já se vê. Posto que muito compridos, poucos serão os que pezem mais de sessenta kilos. E' raro levarem mais de uma pessoa, a qual, servindo-se do remo, e com os pés firmados n'um travessão de ferro e em comunicação com o leme, governa com facilidade a ligeira embarcação.

Augusta possuía também um dos taes barquinhos, e manobrava-o com certa destreza. N'este momento, parecia disposta a dar o seu passeio, embarcada, pelo lago.

— Que vae fazer, não me dirá? perguntou João Johannisberg e, apressando o passo, approximou-se, tirou o chapéu e cumprimentou.

— Eu? Apeteceu-me dar um passeio pelo lago.

— Não faça tal, minha senhora, replicou elle. O tempo ameaça temporal.

— Ora! Não tem duvida! Não ha perigo!

— Rogo-lhe que desista de semelhante idéa! atalhou elle, com muita intimativa. O lago de Traun, com semelhante tempo, é traiçoeiro... levantam-se com o vendaval fortes redemoinhos na agua...

— Ora essa! Que medo tem que eu me afogue!... replicou ella. Não se assuste; sei-me haver com o meu bote: graças a Deus, nunca fui medrosa.

Vibrava-lhe a voz, os olhos despediam faiscas. Percebia-se que sentia prazer inaudito em contrariar o seu hospede.

João comprehendeu que, em taes circumstancias, argumentar seria tempo perdido; portanto, quando se convenceu que a irritada e caprichosa donzella não desistia de entrar para o barco, observou-lhe:

— Consinta, ao menos, que eu a acompanhe.

— Não pode ser! atalhou ella em tom peremptorio. Não cabem dois no barco. Disse, e fincando o remo na areia, fez-se ao largo com o fragil batel.

João não hesitou um momento. Ali ao pé, preza a uma corrente, aproava uma canoa, embarcação tosca e mais pesada, d'essas de que os pescadores se servem, para lançarem as rêdes, no lago de Traun. N'um abrir e fechar d'olhos, desamarrou a canoa, saltou-lhe dentro, deitou mão ao remo e eil-o ahí vae navegando, no rumo da sua tão voluntaria como teimosa adversaria.

Que a coisa não era brincadeira, e deu-lhe agua pela barba. Tão ranceiro era o barco quanto ligeiro e veloz o botesinho de recreio da despeitada Augusta. Afinal, lá conseguiu, a custo, manter-se-lhe a pouca distancia.

Remava, remava, mas nem palavra; não queria tornar a dizer nada á imprudente menina, que, ainda agora, tão pouco caso fizera dos seus conselhos.

O vendaval, porém, ia apertando cada vez mais. As nuvens negras e grossas andavam muito mais baixas e o vento já ia agitando as aguas do lago. Na physionomia do energico remador lia-se a ansiedade, e tanto mais empenhada parecia em sua caprichosa teimosia a irritada donzella.

Iam já ambos assaz distantes da margem, eis que toma Augusta a palavra.

— Pois não acha delicioso, encantador este passeio pelo lago? exclamou. Quando ameaça vendaval, então é que o nosso lago de Traun é bonito a valer! Como correm apressadas as nuvens! Olhe, ali para a banda do sul, que effeito de luz tão bonito, não vê? E a agua, tão escura, parece que lhe deitaram tinta.

— O que eu vejo é que é tempo e mais que tempo de voltarmos para traz! atalhou apressado; mas, como resposta unica, ouviu sonora gargalhada.

N'este momento, porém, dir-se-hia que, com o firme proposito de confirmar o seu dito, uma lufada rija de vento sacudia a canoa. O vento vergava até ao chão as arvores das margens, como se quizesse arrancar-lhes as folhas todas. As ondas encabritavam-se á superficie do lago. Umas apoz outras sopraram fortes lufadas de vento. Eis senão quando, escorrega o remo das mãos d'Augusta,

ta, e, n'um abrir e fechar d'olhos, vira-se o barquinho.

Dos labios do mancebo sae um brado de afflicção. Rema com redobrada energia. As ondas empellem Augusta ao de cima d'agua, mas por momentos apenas; elle, comtudo, estava ainda longe para lhe poder lançar a mão. Rapido, despe o casaco, resolveu a deitar-se á agua, a ver se conseguia salvar-a.

Eil-a que torna a apparecer ao lume d'agua. Agora, sim, que já estava mais perto. E elle, debruçado na borda da canoa, estende-lhe a mão, á qual ella, com ancia mortal, se agarra logo.

João puxa a pobre menina para o pé do barquinho, e depois, com a outra mão, trava-lhe do braço e levantando-a em peso, com força herculea, recolhe-a dentro da canoa.

A joven perdera os sentidos. Estendeu-a ao comprido no fundo do seu barco e deitou-lhe por cima o casaco.

O perigo, entretanto, não estava passado. A tempestade rugia, as ondas galgavam ainda a grande altura, e não era facil tarefa voltar para terra. A chuva cahia em pingos grossos como punhos; se em cinco minutos não tivesse alcançado a margem, tudo estava perdido.

Augusta, afinal, tornando a si, abriu os olhos. «Onde estou eu?» murmurou. Viu, porém, o ceu denegrido, sentiu os pingos da chuva e conheceu então que se achava na canoa de Johannisberg. E elle ali estava, em pessoa, com as mangas da camisa arregaçadas, puxando com possante braço o remo; a face afogueada pela agitação da lucta, descoberta a cabeça, o vento levava-lhe o chapéu.

Oh! agora sim! n'este momento era deveras formoso — não como qualquer trovador vagabundo — formoso, porém, como o devia ser Neptuno, reduzindo á immobildade as irritadas vagas!

Sentiu ella que estava presenciando uma lucta titanica travada entre a vida e a morte. Tremeu toda e tornou a fechar os olhos. Com esforço sobrehumano, conseguiu, afinal, o nosso athleta dominar os elementos e a canoa aпроou a terra.

Erguendo em peso a joven, desmaiada, embrulhou-a o melhor que poude no seu casaco e levou-a nos braços, como quem leva uma creança. D'ali até á casa de campo era uma boa caminhada, quinze minutos, pelo menos; a canoa, com a força do vendaval, perdera o rumo.

E agora era para ver com que mimo e delicadeza aquelle vandalo aninhava a desfallecida joven, nos braços da afflicta e chorosa Martha, tal qual como se estivesse aninhando uma creancinha de berço.

— Não chore, disse, que o caso não é para tanto. O que deve é dar graças a Deus, que fez com eu a encontrasse a tempo. Trate já de a despir e metta-a, quanto antes, na cama. Não é nada... enguliu para ahí dois ou tres litros d'agua... e ora ahí está. Dê-lhe a beber um chásinho de borragem bem quente, e, amanhã, verá que está boa.

(Continúa).

Pin-Sél (trad.)

## POMBEIRO DA BEIRA

TRECHOS DE UM LIVRO INÉDITO

## A CAPELLA DA RAINHA SANTA

Fóra da povoação, temos como antiguidades notaveis — os *Furados* já descriptos, duas curiosissimas prefurações, por onde escoree uma parte das aguas do *Alva*, o *cipo* romano, encravado na ermida da Senhora do Loureiro, fronteira á povoação, e também já mencionado, e a capella da *Rainha Santa*, a mais elegante e distincta edificação, que existe por aquelles sitios.

E' de fórma octógona e estilo, que tanto pode sêr romão como renascença, esquinas vivas de cantaria da Sabouga, rematadas no alto por cimalla correspondente do mesmo granito e tecto concavo, ou cúpula igualmente octógona e coberta de azulêjos embricados, tendo como remate uma pirâmide de base oitavada e ponta esférica, encimada por catavento.

A frontaria comprehende o vão de um dos oito lados; tem uma portada rectilinea, bem proporcionada, guarnecida superiormente por uma bacia, que é o remate ou cornija de um entablamento, assente em quatro mísulas.

Sobre a bacia, ornada nos extremos por dois corucheus, um nicho vasio, ladeado de pilastras uma de cada banda, com volutas lateraes tom-



CAPELLA DA RAINHA SANTA, EM POMBEIRO

(Copia de uma photographia)

badas para a base, assente naquellas novo entablamento e sobre este duas volutas em forma de S, inteiras e erguidas no centro e rematadas por uma cruz; no alto, sobre o cornijamento, dois corucheus mais volumosos e, a meio, uma ventana ponteaguda com sineta; em baixo aos lados da porta, duas janellas gradeadas e rectilineas.

E' duvidosa a época da fundação d'esta formosa capella; attribue-se ao cônego Thomé Nunes Rodrigues Freire, natural de Bobadella, na visinha comarca de Tábua, sepultado á entrada, em campa rasa, onde nada se pôde lêr, por terem ali amassado cal, em ocasião de reparos!

A pouca distancia, encontram-se umas ruinas de habitação, que provavelmente servia á eremitação do padre Freire, ou pelo menos ao serviço e culto da capella, que teve bens, festividade própria e uma poetica romaria, muito cheia de alegrias e perfumes de rosmaninho, celebrada a 4 de julho.

Conhecemos ainda a festividade, na nossa meninice; a gafeira porém de extrêma decadencia, que por lá é commum, e ameaça despedaçar tudo pelos alicerces, deu cabo d'ella, como ha de deitar abaixo a notavel e formosa reliquia da capella, onde as infiltrações pluvias estão fazendo estragos demolidores.

O sitio, onde se vê collocada esta valiosa construção, a uns quatro centos passos do lugar da Povoá foi condignamente escolhido, revela dotes de suprêma delicadêza e bom gôsto; é de exquisita bellêza impressionavel, pelos toques de uma suavissima melancolia, que se espalham em maziada abundancia no variado e largo panorâma, que de lá se distructa.

O sitio encantador, tão propicio ao recolhimento e á meditação! Deus sabe quantas almas seranêjas, rescendendo á madressilva dos ribeiros e ao acre perfume das estêvas, teem sonhado em teu seio com a magnôlia das salas e com as delicias, enganadoras embora, de uma vida de grandêzas!

Quantas, zurdidas pelo infortunio e lancinadas de dôres, não entornaram no teu solo o azedume das suas lagrimas e o olôr das suas preces!

E quantas, em maior numero, cegos os olhos

do entendimento e da sensibilidade, não teem passado por ti, sem te comprehenderem! Oh! quantas!

Sanches de Frias.



Recebemos e agradecemos:

**Revista Moderna, Semanario illustrado, Lisboa 1896.**

Já terminou o seu primeiro volume, e do segundo tem-se publicado alguns numeros.

Do ultimo numero que temos presente o sumario é o seguinte: Os Evangelhos, por Leão Tolstoi; Partido socialista, por João de Deus; Stabat Mater, poesia por Thomaz Ribeiro; A exposição do gremio artistico, por João Sincero, etc., etc.

Alguns dos artigos são acompanhados de photographuras.

**Renascença, revista quinzenal, litteraria e critica. N.º 6. Director litterario, Nuno de Bulhão Pato.**

Com o presente numero termina esta graciosa publicação a sua primeira serie pelo que a felicitamos cordealmente.

N'este numero, quasi todo dedicado ao livro de Julio Dantas, *O Nada*, encerra além dos retratos do novel auctor, do prephaciador e do desenhador do retrato de Julio Dantas, uma desenvolvida e lisongeira apreciação ácerca do novo livro.

**Annuario da Escola do Exercito. — Anno lectivo de 1895-1896. Lisboa. Imprensa Nacional. 1896.**

Esta publicação, devêras interessante, era desde ha muito reclamada pela indole do estabelecimento, cuja vida historia no periodo lectivo de 1895-1896. O presente trabalho, assaz desenvolvido e perfeitamente systematisado, é devido ao sr. Ju-

lio de Magalhães, que n'elle mostra a sua dedicação pela Escola do Exercito. Encerram-se n'este volume indicações de interesse e importancia para o estudo da organização e vida d'esse estabelecimento de instrucção militar.

**Palavras proferidas pelo bispo de Coimbra. — Dois folhetos. Coimbra. Imprensa da Universidade 1896.**

Estas duas brilhantes orações foram inspiradas ao illustre bispo de Coimbra, uma, quando foi recebido na Real Academia de Historia, de Madrid, no dia 5 de junho de 1896; e outra, na inauguração do Museu de Antiquidades do Instituto de Coimbra, no dia 26 de abril de 1896.

O primeiro d'estes discursos constitue como que agradecimento de Portugal á illustre academia hespanhola pela apothose a Alexandre Herculano. Na ultima d'estas orações evidencia-se como os illustres bispos de Coimbra teem contribuido para a grandeza artistica e scientifica d'aquella cidade.

Ao nobre bispo agradecemos a honrosa offerta das duas *plaquettes* de que damos noticia.

**A prisão do Gungunhana. — E' este folheto o conhecido relatorio apresentado ao conselheiro Correia e Lança, governador geral interino da provincia de Moçambique pelo governador do districto militar de Gaza, Joaquim Mousinho d'Albuquerque, capitão de cavallaria.**

A sua publicação foi feita em supplemento ao *Boletim Official* do governo geral da provincia de Moçambique, n.º 3 de 1896, e sahio dos prelos da typographia Nacional de Sampaio & Carvalho, em Lourenço Marques.

E' uma edição muito nitida e que aos colleccionadores de cousas d'Africa deve merecer preferencia por esse documento ser publicado em Lourenço Marques e referir-se ao grande feito militar de Mousinho de Albuquerque.

**Ateliers de construction de machines. — Jules Derriey — Avenue Philippe Auguste, 79 a 85. — Paris.**

D'esta importante casa constructora de machinas para impressão typographica, etc., recebemos dois catalogos illustrados referentes a 1895 e 1896.

Entre as machinas mais curiosas que o catalogo menciona, é uma chromo-typographica cuja tintagem de rolos se faz tão rapidamente que estes tomam tinta quatro vezes para cada impressão. E', pois, uma machina interessante realisando a impressão a seis côres, hoje tão usada nos frontispicios das obras de luxo, catalogos, etc.

## A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

Volume illustrado com 40 gravuras retratos dos heroes da campanha, vistas de terras d'Africa, combates, etc.

Dividido em 6 partes: Antes da partida — A viagem — Em marcha — As operações — O regresso — Epilogo

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis  
Com uma linda capa de percaline, 500 réis

Está publicado e á venda

PEDIDOS Á EMPREZA DO OCCIDENTE  
LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

## ALMAMACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

Para 1897

Está no prelo e acceitam-se annuncios até ao fim do mez.

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220 RÉIS

Recebem-se d'esde já encomendas na

EMPREZA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 29